

FAMÍLIA COMBONIANA

NOTICIÁRIO MENSAL DOS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS

N.º 791

Dezembro de 2020



BOM NATAL

DIRECÇÃO-GERAL

Novo bispo comboniano!

O Santo Padre nomeou, dia 18 de Novembro de 2020, bispo da diocese de Wau (Sudão do Sul), o P. Matthew Remijio Adam Gbitiku, comboniano.

D. Matthew Remijio Adam Gbitiku nasceu a 5 de Maio de 1972 em Mboro (diocese de Wau). Frequentou o Seminário Menor de Bussere em Wau (1984-1986) e o ensino secundário em Wengiball (1986-1989). Depois do postulante comboniano, para os estudos de Filosofia, frequentou o Seminário Maior Interdiocesano St. Paul, em Cartum (Sudão) e o Noviciado em Campala, Uganda (1997-1999). Obteve o Bacharelato em Teologia no Instituto Superior de Estudos Teológicos Juan XXIII-ISET em Lima (Peru). Recebeu a ordenação sacerdotal a 3 de Outubro de 2004.

Depois da ordenação desempenhou os seguintes cargos: vigário paróquial de Masalma, em Omdurman (Cartum), depois pároco, director espiritual dos Legionários de Maria da arquidiocese de Cartum e consultor da associação do Grupo Rongo (2004-2008). De 2008 a 2010 conseguiu a Licenciatura em Teologia Espiritual na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Além disso, foi director das vocações sacerdotais e membro do grupo dos animadores vocacionais da arquidiocese de Cartum (2010-2012), director espiritual do Seminário Maior Interdiocesano St. Paul em Cartum (2012-2013), vigário geral da arquidiocese de Cartum (2013-2017) e de 2017 até agora vice-reitor e ecónomo do Teologado Internacional comboniano em Nairobi, Quénia.

Profissões Perpétuas

Esc. Nieto Castro José de Jesús (M)	Metlatónoc (MEX)	25/10/2020
Esc. Sitwaminya Fiston Mughanyiri (CN)	El Carmen (EC)	15/11/2020

Ordenações sacerdotais

P. Wedipo Paixão Silva (BR)	São Mateus (BR)	31/10/2020
P. Orishaba Elias (UG)	Makiro (UG)	31/10/2020
P. Ouandora Seigneur Malthus (RCA)	Mbaïki (RCA)	14/11/2020

Obra do Redentor

Dezembro	01 – 15 PE	16 – 31 U
Janeiro	01 – 15 A	16 – 31 BR

Intenções de oração

Dezembro – Para que a celebração do nascimento do Filho de Deus, que assumiu plenamente a condição humana, aumente na sociedade a compreensão, o respeito e a inclusão da diversidade. *Oremos.*

Janeiro – Para que a fé em Cristo nos estimule a todos a permanecer unidos e a aliviar o impacto da pandemia especialmente entre os mais pobres. *Oremos.*

ÁSIA

Covid-19 na Delegação

A circunscrição da Ásia não foi imune ao vírus, mas tão-pouco a mais atingida, como estávamos à espera quando tudo começou em Wuhan, na China. As autoridades governativas em Taipei puseram, em pouco tempo, em acção medidas de segurança para prevenir a sua difusão, medidas que tiveram bastante sucesso. Apesar de os nossos serviços paroquiais terem sofrido com isso, os nossos confrades estão todos bem. O P. Adam conseguiu inclusive fazer as suas férias e regressou há pouco a Taipei; depois dos 14 dias de quarentena, regressou à comunidade e retomou o seu serviço.

Também em Macau, as medidas tomadas foram úteis e agora as restrições limitam-se às básicas, ou seja, o distanciamento social e o uso da máscara. A travessia da fronteira com a China, porém, está muito limitada e há poucos voos no aeroporto. Em Macau, nenhum confrade foi infectado e o P. Victor Mejia, que tinha ficado bloqueado no México desde o início de Março, regressou finalmente a Macau e está a fazer a quarentena. Os nossos compromissos na China estão todos suspensos e não se consegue obter qualquer visto de entrada. No Vietname nenhum confrade e nenhum dos estudantes foi contagiado. Houve alguns períodos de confinamento, mas as medidas tomadas pelo governo mantiveram sob controlo a propagação do vírus e agora a vida decorre com uma certa normalidade.

As Filipinas, especialmente na região da capital, estão a viver o oitavo mês consecutivo de quarentena comunitária (com vários níveis de confinamento, de acordo com os tempos e os lugares), e, por enquanto, não há fim à vista. Este período prolongado de encerramento das lojas e de restrições de movimentos criou um aumento acentuado no desemprego, pobreza, corrupção, problemas de saúde mental e um agravamento geral da qualidade da vida social. Também as nossas actividades ficaram

reduzidas, mas graças a Deus os nossos confrades e os nossos estudantes estão todos bem. Olhando para o resto do mundo, temos muitos motivos para dar graças a Deus.

BRASIL

Entre México e Brasil, com a paixão pela missão

Dia 31 de Outubro, no encerramento do mês missionário, o diácono comboniano Wedipo Paixão Silva foi ordenado sacerdote.

A celebração foi presidida por D. Paulo Bosi Dal'Bó, bispo da diocese de São Mateus, no estado brasileiro de Espírito Santo, onde Wedipo nasceu e amadureceu a sua vocação.

É precisamente nesta região que os Missionários Combonianos iniciaram a sua presença no Brasil, com o grupo inserido no Maranhão, em 1952. Uma figura profética, que representa em si a história da consolidação da diocese de São Mateus, é D. Aldo Gerna, também ele comboniano. Com 90 anos de idade, D. Gerna quis participar na ordenação dizendo que «não podia faltar num momento como este, no qual um filho da nossa terra se consagra à missão».

A celebração foi preparada pela paróquia de São Lucas, no seio da cidade, zona de aglomerados rurais onde muitas famílias, há 35 anos, conquistaram a terra para o seu sustento. Terra, Tecto e Trabalho é um mote que nesta região se concretizou há muito tempo, com a presença constante e activa da Igreja, que sempre acompanhou as famílias dos sem-terra.

Tomaram parte na celebração não mais de duzentas pessoas, por causa das medidas restritivas devidas à pandemia da Covid-19. Cinquenta mil pessoas acompanharam a transmissão nas redes sociais e muitas mais rezaram através da Radio Kairos, emissora diocesana que atinge toda a região setentrional de Espírito Santo.

A família comboniana acompanhou Wedipo nestes momentos tão importantes para a sua vida, com a participação de dois padres e duas leigas missionárias (LMC) vindos do México. Estavam também presentes grupos de cristãos leigos e leigos de Curitiba e São Paulo, cidade onde Wedipo viveu algumas etapas da sua formação.

A primeira missa foi celebrada na comunidade de São Bento, no assentamento da reforma agrária «Vale da Vitória». Terra de um povo organizado, que luta e que sonha, que trabalha e que fez uma opção radical pela vida camponesa. É nesta pequena comunidade do interior que o P. Wedipo, há sete anos, perdeu a mãe, vítima de um acidente fatal.

A celebração da Eucaristia de Wedipo foi uma homenagem de respeito e gratidão à sua mãe e à sua comunidade de fé, que sempre acreditaram na sua vocação e a apoiaram. A vida é mais forte que a morte: «é nesta pequena igreja que professei a minha fé na ressurreição, diante do corpo da minha mãe, e agora renovo a minha fé no Deus da vida, que nunca me abandonou», disse o P. Wedipo na homilia.

O P. Wedipo celebrará também nas comunidades da diocese, que continua a ter um forte espírito comboniano, para ir depois para a Rondônia, para onde se transferiu parte da sua família e, por fim, voltar à sua missão no México, onde trabalhará na animação vocacional e no acompanhamento dos jovens que, como ele, se apaixonaram pela missão.

Que Deus abençoe a vida e o caminho do P. Wedipo e continue a abençoar a nossa família missionária com vocações firmes e empenhadas pelo Reino!

DSP

Covid-19 – A situação na nossa Província

Estamos gratos por até agora nenhum confrade ter sido infectado pelo coronavírus. Todavia, muitos confrades estão preocupados com o aumento do número de doentes na Áustria, Alemanha e Tirol do Sul/Itália, sobretudo porque a grande maioria dos nossos confrades pertence ao grupo de alto risco. Queremos exprimir a nossa solidariedade, em particular às províncias de Itália e do Uganda, que perderam confrades por causa da pandemia nas últimas semanas e meses e recordamos-vos nas nossas orações.

Festa de São Daniel Comboni

Tínhamos programado uma conferência do Dr. Roman Siebenrock, professor de Teologia na faculdade dos Jesuítas de Innsbruck, para a festa de São Daniel Comboni. Tínhamos escolhido o tema: «*Confiados na vida – porque Deus vive em nós*». Infelizmente, o evento foi cancelado por causa das restrições devido à Covid-19. Por isso, celebrámos a festa de forma simples, nas nossas comunidades.

Os Leigos Missionários Combonianos (LMC) tinham organizado um encontro de trabalho na casa provincial de Nuremberga para o mesmo fim de semana. Foi uma boa ocasião para celebrar com eles uma missa solene em honra de São Daniel Comboni. Além dos LMC, participaram também as Irmãs de São Paulo que vivem nas nossas imediações. Des-

de o início da pandemia tomam parte na celebração eucarística na nossa capela quase todas as manhãs.

Assembleia Provincial

A Assembleia provincial estava prevista para Junho de 2020. Por causa da Covid-19 foi adiada para Novembro, mas, também pelo mesmo motivo, não foi possível celebrá-la da forma tradicional e escolheu-se uma «forma híbrida». Os temas importantes como a ministerialidade e os critérios para a eleição dos delegados ao Capítulo Geral foram debatidos simultaneamente em cada comunidade local, enquanto os relatórios do ecónomo e do superior provincial foram apresentados a todas as comunidades e debatidos através da plataforma *Zoom*. Apesar de os confrades menos jovens não estarem habituados à comunicação online, foi uma experiência muito positiva para todos. Deste modo, todos os confrades da província conseguiram «reunir-se» ao menos para um intercâmbio de ideias e de opiniões.

Algumas modificações necessárias e bastante substanciais na casa de Ellwangen foram um assunto importante. Os canos de escoamento perdem água e terão de ser substituídos e o elevador adaptado às normas técnicas em vigor. O conselho provincial quis pedir o parecer de todos os confrades sobre a necessidade de remodelar também os quartos dos doentes e idosos do terceiro andar. A protecção contra incêndios, o isolamento térmico, os canos da água e as estruturas da higiene já não estão em conformidade com a lei. Foi apresentada uma solução alternativa, isto é, remodelar o edifício anexo, que a câmara de Ellwangen arrendou.

Considerando a diminuição do número de confrades da DSP, a maioria é a favor de uma solução menos invasiva, de modo que o conselho provincial possa tomar medidas apropriadas.

Debateu-se depois amplamente se no futuro seremos ainda capazes de assumir o cuidado dos confrades doentes e idosos porque a assistência e a organização estão já confiadas, quase exclusivamente, a terceiros.

Um grupo de confrades considera importante que os nossos idosos e doentes sejam assistidos na nossa casa, outros, pelo contrário, fizeram notar que seria financeiramente menos oneroso para nós confiar os confrades necessitados de assistência total a instituições geridas pelo estado ou por ordens religiosas. Por fim, foi apresentada uma proposta: acolher e manter no nosso centro os confrades idosos ainda mais ou menos auto-suficientes e procurar, pelo contrário, lugares para os mais necessitados de assistência completa na estrutura das Irmãs de Sant'Ana, a dois passos da nossa casa.

ETIÓPIA

Rezemos pela paz e não só

O conselho provincial convida todos os confrades a rezar pelo P. Seyum, gravemente doente, pela paz, especialmente no Benishangul-Gumuz (onde a missão dos Gumuz teve de ser evacuada dia 21 de Outubro; esperamos que só temporariamente), mas também pelo resto da nação.

Pode ser útil conhecer a mensagem enviada aos membros do Conselho de Religiosos por um padre Lazarista de Adis Abeba, sabendo que um dos provinciais que residem em Adis Abeba foi detido durante algum tempo. «Caros irmãos e irmãs, a paz do Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. Passámos por momentos difíceis no nosso país nas últimas duas semanas. Os nossos irmãos e as nossas irmãs no estado regional do Tigré viveram em situação de guerra que esperávamos terminasse depressa. Não tenho palavras para dizer o quão doloroso é para todos nós, mas especialmente para os nossos irmãos e irmãs que têm os seus familiares e amigos na região do Tigré. A falta de comunicações tornou tudo ainda mais penoso. A cada dia esperávamos que fosse o último da guerra, mas a agressão continuava. Isto não deveria acontecer num país pobre habitado por uma população pobre de cem milhões de habitantes.

Rezemos para que o Senhor seja o escudo que protege os inocentes e os pobres e as nossas famílias que se encontram ali. Paz a todos».
(P. Sisto Agostini, superior de circunscrição)

NA PAZ DE CRISTO

P. Christopher Besigye (12.02.1959 – 12.09.2020)

O P. Christopher Besigye nasceu em Ndaija, no Uganda, a 12 de Fevereiro de 1958. Entrado no noviciado em Tartar (KE), emitiu os primeiros votos a 27 de Abril de 1985 e, depois do escolasticado em Campala, na Comboni House, fez a profissão perpétua a 9 de Abril de 1988. Foi ordenado sacerdote a 22 de Janeiro de 1989.

Recorda o P. Umberto Pescantini: Christopher fazia parte de um dos primeiros grupinhos de postulantes que tive a alegria de acolher em Alokolum (Gulu, Uganda). Sempre me pareceu um jovem bastante tímido, mas com recursos suficientes para se tornar um bom missionário. Logo depois da ordenação, no início de 1989, foi mandado para Paris para o estudo

do francês e, antes do final do mesmo ano, encontrava-se já em Afanya, no Togo, a enfrentar a língua local. Em meados de 1990, encontramos-lo como vice-pároco na missão de Vogan e, em 1994, como superior da comunidade de Aklakou. Em 1999 completou o seu serviço no Togo servindo na paróquia de Adidogomé. De Outubro daquele ano até Junho de 2000 participou no Ano Comboniano de Formação Permanente em Germiston, na África do Sul. Creio que ficou bastante surpreendido quando, no final do ACFP, os superiores o nomearam formador no escolasticado de Nairobi. Conseguiu, contudo, levar por diante esta tarefa durante alguns anos com generosidade. Mas não estava suficientemente bem de saúde e os seus superiores tiveram que o substituir rapidamente. Foi destinado à NAP a partir de 1 de Janeiro de 2005. Permaneceu primeiro na casa provincial, em Cincinnati, e depois foi destinado à comunidade de Kitchener, no Canadá. Era uma pessoa calorosa, amistosa e estimado pela gente. No Canadá fez um bom trabalho e foi apreciado quer pelas pessoas quer pelos confrades. Por causa da doença da mãe pediu para estar perto dela e, por isso, em 2006 foi transferido para o Uganda. Foi destinado primeiro à paróquia de Kyamuhunga, onde permaneceu durante onze anos, e depois à de Rushere».

Rushere fica a mais de 250 km da capital Kampala e encontra-se na parte sudeste do país em direcção à Tanzânia e ao Ruanda. Embora mudando de lugar – contam alguns dos seus benfeitores – levava consigo as prioridades que sempre distinguiram o seu modo de trabalhar, primeiramente aquela de melhorar a vida das crianças. Nestas duas missões, de facto, o P. Christopher, como responsável dos projectos, procurou ajudas – e conseguiu-as – para construir cisternas de água. Em particular, em 2018, conseguiu construir duas: uma destinada à escola primária de Kikoni e outra à escola primária de St. Peter. Em Rushere, numa área de competência pastoral três vezes maior que a precedente, teve diversas reuniões com os responsáveis das escolas da zona e com os pais das crianças que as frequentavam e, mais uma vez também aqui, foi problemático ter acesso a água potável. Por isso, muitas vezes as crianças adoeciam e não podiam ir à escola, ficando assim atrasadas nos programas escolares penalizando a sua preparação. O P. Christopher identificou logo as situações mais urgentes, mas na sua carta de agradecimento pela ajuda recebida, acrescentou de imediato: «Nós temos ainda 14 escolas primárias que não têm acesso a água potável. Eu espero que vocês sejam tão generosos que continuem a ajudar as nossas crianças».

Nestes mesmos anos, o P. Christopher serviu a província ugandesa também como secretário provincial da evangelização. Um Tumor acabou com a sua ainda jovem vida e o seu serviço à missão.

P. Aldo Chistè (28.07.1930 – 20.10.2020)

Dia 20 de Outubro, poucos dias depois de se ter restabelecido de uma insuficiência cardíaca que o tinha levado ao hospital, o P. Aldo Chistè foi chamado pelo Pai para receber o seu abraço eterno e a recompensa de uma longa vida dedicada à missão. Tinha 90 anos completos e encontrava-se em Waterval, a sua primeira missão na África do Sul, onde tinha chegado em 1967, e também a sua última, segundo o desígnio de Deus.

O P. Aldo tinha nascido a 28 de Julho de 1930 em Dro, uma povoação do Trentino, numa família numerosa, de dez irmãos, sete rapazes e três raparigas, filhos de Guiseppè Chistè e Marsilia Poli. Aos 21 anos fez os primeiros votos, estudou Teologia em Verona e Venegono e foi ordenado sacerdote em 1958. Passou a maior parte da sua vida em África.

A sua primeira missão foi o Sudão para onde foi destinado logo a seguir à sua ordenação. Depois do tempo necessário para aprender o inglês, em Londres, e o árabe, em Cartum, o P. Aldo encontrou-se nesta missão tão cara a Comboni e aos Combonianos. Aí permaneceu poucos anos, de 1961 a 1964, data em que foi expulso juntamente com tantos outros confrades que trabalhavam no país. Permaneceu dois anos em Pesaro, na animação missionária, e em Abril de 1967 estava de novo em África, desta vez na África do Sul, na missão de Waterval. Chegou a Durban no navio *África*, juntamente com outro missionário, o Ir. Mario Adani; alguns meses mais tarde chegou também o P. Andrea De Maldé para completar a comunidade. Com a sua chegada, iniciou-se a presença missionária dos Missionários Combonianos do ramo Italiano na África do Sul (FSCJ). Os confrades do ramo alemão tinham começado a sua presença no distante ano de 1924, por causa de uma expulsão do Sudão.

Naqueles anos, logo depois do Concílio Vaticano II, davam-se os primeiros passos para a renovação dos institutos e tinha nascido também o desejo de unificar os dois ramos do Instituto comboniano, que se tinha dividido em 1923. Com a abertura da presença dos FSCJ em Waterval, começou um tempo de aproximação e de colaboração, dado que todos trabalhavam na mesma diocese de Lydenburg.

Desde a sua chegada à África do Sul e até à sua morte, o P. Aldo trabalhou sempre neste país, exceptuando cinco anos em Trento, Itália, de 1983 a 1988, como animador missionário. Por este motivo, nestes 50 anos de África do Sul, pôde desenvolver o seu trabalho em muitos cam-

pos específicos. Trabalhou na zona rural e na zona urbana, nas arquidioceses de Joanesburgo e Pretória e, sobretudo, na diocese de Witbank. Trabalhou entre as várias tribos, aprendendo as línguas locais, e esteve envolvido em várias iniciativas pastorais.

Durante esta longa permanência, o P. Aldo partilhou com o povo sul-africano momentos de grande sofrimento, mas também de grande alegria. Foram momentos importantes e decisivos da história do povo e isto fez dele um missionário que conhecia bem a história do país e da Igreja, mas também a história da nossa pertença. Experimentou o sofrimento da gente durante o apartheid. Colocou-se ao lado da gente pela paz e pela abolição das injustiças. Rezou e esperou os «tempos novos», chegados só depois de muitos anos de tensão, de sangue derramado e de morte. Viveu juntamente com o povo sul-africano a esperança de uma nova África do Sul, com a libertação de Nelson Mandela em 1991 e as eleições gerais em 1994, com sufrágio universal. Juntamente com as gentes deu os primeiros passos num país livre, que emprega todas as suas energias e recursos para a realização do sonho de liberdade e de paz da nação arco-íris.

Destes anos de trabalho do P. Aldo, podemos sublinhar sobretudo três aspectos: o conhecimento das línguas locais, sobretudo o Northern Sotho e o Shangane (xi tsonga), o seu empenho na formação dos leigos e a promoção das pessoas.

Para a formação dos agentes pastorais, mas também em vista de uma evangelização em profundidade, capaz de transformar a cultura da gente e mudar radicalmente os modos de pensar e agir segundo o Evangelho, o P. Aldo procurou os meios para preparar pequenos subsídios catequéticos e pastorais que distribuiu não só enquanto era director do Centro Comboniano de Glen Cowie (1973-1980), mas também depois, enquanto era pároco ou vice-pároco na zona rural de Waterval e Acornhoek, nas periferias urbanas de Pretória, em Mamelodi e Soshanguve, e nos arredores de Joanesburgo, no Soweto.

O P. Aldo foi sempre um espírito bastante independente e convicto das suas próprias ideias, a que dificilmente renunciava. Isto, por vezes, causou-lhe alguns dissabores e levou-o a alguns conflitos com a autoridade e com os confrades. Estava firmemente convencido da necessidade de promover as pessoas e os projectos de desenvolvimento; por isso, ajudou economicamente muitas pessoas, sobretudo jovens necessitados, para que pudessem estudar e ter um futuro melhor.

O P. Aldo viveu uma vida de empenho e de paixão pelo evangelho e pela missão. Amou as gentes com quem viveu durante tantos anos. Ele mes-

mo tinha-se tornado cidadão sul-africano. Deu-se ininterruptamente pelo Reino. O Senhor da vida e da missão recebeu-o no céu para lhe dar a saborear aquela paz e aquela vida plena que sempre desejou nesta terra. Que interceda agora pelo povo da África do Sul, pela Igreja e pelos missionários combonianos que trabalham naquele país. Repousa em paz, P. Aldo! (*P. Jeremias dos Santos Martins*)

P. José de Jesús Aranda Nava (11.08.1952 – 04.11.2020)

O P. José de Jesús Aranda Nava nasceu a 11 de Agosto de 1952, em Salvatierra, Guanajuato (México). Era conhecido entre os mexicanos como «el Tio» porque, quando estava já no seminário, entrou também um seu sobrinho que o chamava «tio» e assim, no seminário todos começaram a chamá-lo «o Tio», e ele sempre gostou de ser chamado assim.

Emitiu os primeiros votos religiosos a 23 de Abril de 1977. Estudou Teologia em Roma, de 1977 a 1981, e emitiu a profissão perpétua a 10 de Outubro de 1980. Foi ordenado sacerdote a 19 de Setembro de 1981.

Como pessoa, era gentil, sociável – e por isso tinha muitos amigos por toda a parte – era optimista e alegre.

Como homem de fé, era apaixonado por Jesus e por São Daniel Comboni e, por isso, sentia-se feliz por se chamar Jesús e no dia da sua profissão perpétua também quis tomar o nome de Daniel. Tinha uma grande devoção por Nossa Senhora de Guadalupe. Acreditava profundamente na sua vocação missionária e sentia-se feliz por ser um missionário comboniano.

Como missionário, era apaixonado pela missão e pelo povo do Sudão meridional que serviu e acompanhou nos momentos mais difíceis da guerra.

Desenvolveu a sua vida missionária em duas províncias. México e Sudão do Sul. Durante a maior parte da sua vida foi formador, mas também trabalhou na pastoral e na promoção da missão. Um grande número de missionários combonianos do Sudão do Sul recordam-no com gratidão porque foi o seu formador durante o postulanteado.

O seu sonho sempre foi ser um missionário nas terras e com as pessoas amadas por Daniel Comboni. O seu sonho realizou-se quando, em 1984, foi enviado para o Sudão do Sul.

Serviu este povo durante a guerra de independência e também durante aquela que terminou recentemente. Viveu os últimos anos da sua vida num campo de refugiados no Uganda, juntamente com toda a comunidade paroquial desalojada pela guerra.

No dia de São Daniel Comboni escreveu no Facebook: «Festa de São Daniel Comboni: 10 de Outubro de 2020. A santidade de Comboni é vivida em comunhão com a humanidade sofredora. São Daniel viveu uma

santidade solidária com quem sofre e é maltratado. No curso da sua história, os filhos e as filhas de São Daniel Comboni procuraram trilhar o caminho da santidade, partilhando a vida quotidiana dos seus irmãos sofredores. Temos grandes figuras que são exemplos no fazer causa comum com o povo: padre Giuseppe Ambrosoli, padre Ezequiel Ramin e muitos outros. Hoje, também somos chamados a partilhar em santidade a vida de muitas pessoas que estão a enfrentar a crise da pandemia do coronavírus e todas as suas consequências. Permanecemos em comunhão com os migrantes e os refugiados, com as populações em zonas de conflito e de guerra. Carregamos no nosso coração todo o peso do sofrimento da Igreja e da triste situação da natureza e da criação. Rezai pela paz e a fraternidade entre o nosso povo no Sudão do Sul».

Faleceu dia 4 de Novembro de 2020, no Lacor Hospital de Gulu (Uganda), onde tinha sido internado por causa do coronavírus. (*Fernando Mal GatKuoth*)

P. Aleardo De Berti Jr. (18-08.1921 – 0811.2020)

O P. Aleardo nasceu em Roverchiara (província de Verona) a 18 de Agosto de 1921. Fez a primeira profissão aos 20 anos, a 7 de Outubro de 1941, e foi ordenado sacerdote a 31 de Maio de 1947. Ele mesmo nos contou a sua história por ocasião da celebração dos 73 anos de sacerdócio (2020).

«A minha proveniência é de uma família cristã e numerosa: eu sou o décimo segundo. Pais com convicções profundas e cristãs. Admirei muito a minha mãe pelo seu amor à Eucaristia: uma mãe com tantos filhos encontra tempo para ir à missa todas as manhãs. O P. Romeo de Berti era meu primo em segundo grau, também ele tinha entrado no seminário de Trento e tornou-se missionário. Fiz-me comboniano quase por inércia, havia um clima comboniano na família: O P. Aleardo sénior, meu primo direito, e a minha irmã, religiosa comboniana. A minha irmã tomou a decisão por mim. Disse-me: escreve para Pádua! E assim fiz. E fiquei para sempre com os combonianos.

Os meus 73 anos de sacerdócio são repartidos em três continentes. Primeiro continente: os Estados Unidos da América, onde passei 16 anos no total. Em momentos diferentes nos Estados Unidos e durante cinco anos no Canadá, como pároco de uma paróquia de língua inglesa, numa cidade francesa. Fui o primeiro comboniano a entrar no Canadá. Os outros anos passei-os em Cincinnati com os seminaristas combonianos americanos. Senti-me bem porque encontrei gente aberta, sincera.

O segundo momento passei-o em Inglaterra como mestre dos noviços durante cinco anos: quatro em Sunningdale e um na Escócia: tive o orgu-

Iho de dizer que pelo menos um teve êxito, porque veio a ser Superior Geral, o P. David Glenday.

Quando estive em Inglaterra, aos 50 anos tomei a opção de idade de ir para a África. O P. Agostoni aceitou e mandou-me de boa vontade para Gulu, onde me levaram de imediato para o seminário diocesano». E precisamente dali, por ocasião do seu 25º aniversário de sacerdócio, escrevia: «A minha pastoral missionária e sacerdotal foi circunscrita em grande parte a um sector: jovens seminaristas na América, juventude mista no Canadá, noviços em Inglaterra, e agora seminaristas africanos. Amei sinceramente esta juventude: não me arrependo. Fui largamente recompensado. Gozei e gozo os meus anos passados com os jovens. Eles mantiveram-me jovem mesmo na capacidade de amar. É certo que terei de melhorar a minha técnica com eles, mas também é certo que eles procuraram ansiosamente em nós padres um amigo que dialoga, que oferece uma experiência, que encoraja sempre e que nunca se espanta com as suas fraquezas».

Em 1988 o P. Aleardo regressou definitivamente a Itália por motivos de saúde e desde então esteve sempre em Verona. Sobre a sua figura humana, espiritual e missionária muito se poderia dizer. Sublinhamos alguns aspectos: tinha um grande amor pelo Coração de Jesus e pelas tradições combonianas e queria conservar uma relação pastoral autêntica e «tangível» com o Senhor: enquanto os outros estavam no salão a ler o jornal, ele, numa cadeira de rodas, estava diante do sacrário. Reservado e respeitoso com os confrades, ainda tinha amigos da América ou do Canadá que lhe escreviam e lhe mandavam alguns donativos; vida pobre e essencial. Pedia licença para bagatelas.

O P. Aleardo deixou-nos pacatamente e em surdina dia 8 de Novembro, no silêncio da noite, com a bonita idade de 99 anos, vividos em plenitude até ao fim. Na manhã de 10 de Novembro de 2020 celebrámos o funeral em plena Covid-19. Nós, seus confrades, estávamos todos confinados em isolamento nos nossos quartos. O P. Fabio Baldan, superior provincial, celebrou a Eucaristia de despedida a partir da nossa casa mãe de Verona, e nós seguimos pela web. À tarde, o carro funerário levou o féretro acompanhado de uma pequena representação da sua família. O carro deu a volta à casa, para que os confrades, através das janelas, pudessem dizer-lhe adeus, e deteve-se diante do quarto do superior da comunidade, P. Renzo Piazza, que saiu para a bênção da urna, transportada depois para Borgo Virgilio (MN) para ser depositada no túmulo da família.
(P. Manuel João Pereira Correia, mccj)

Ir. Elio Croce (03.04.1946 – 11.11.2020)

Elio, nascido em Moena (Trento) a 3 de Abril de 1946, entrou no noviciado de Florença onde fez a primeira profissão a 9 de Setembro de 1966. Logo depois foi mandado para Pordenone para a formação profissional e depois um ano para Sunningdale para o estudo da língua inglesa. Emitiu os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1974. Entretanto, em 1971 tinha sido destinado ao Uganda, onde passou toda a sua vida missionária. À notícia da sua morte recebemos muitíssimos testemunhos. Reportamos o de Dominique Corti que o conheceu desde criança.

«Quem é Elio Croce? No Norte do Uganda todos o conhecem. Elio, Brother Elio, irmão comboniano de Moena, em 1971 deixa os montes, os verdes declives e as neves do seu Trentino para se acomodar ao sol do Equador, no meio da capim elefante da savana ugandesa. Moena (1184 m) e Gulu (1100 m) têm a mesma altitude acima do mar, mas paisagens mais diversas não podem achar-se e rostos e costumes mais distantes não podem encontrar-se. E, todavia, eu, nascida e crescida em África, no coração de um hospital africano, a minha ama Liberata que me leva para a sua cabana para partilhar a polenta de milho, a minha mestra Apolónia e as minhas companheiras que falam Acholi, as térmitas apanhadas depois das chuvas para serem comidas como petisco, não consigo imaginar nenhum dos muitos missionários excepcionais que conheci, tão “integrado” na paisagem e entre a gente ugandesa, como o Brother Elio.

Elio é, simplesmente, um mito. Em quarenta e cinco anos de África, primeiro como responsável técnico do Hospital de Kitgum, depois, a partir de 1985, do hospital de Lacor, Elio partilhou todas as vicissitudes do povo Acholi. Para eles e com eles construiu pavilhões hospitalares, escavou poços, instaurou actividades técnicas, e agrícolas. Partilhou com os Acholi as terríveis décadas de guerrilha. Enterrou os seus mortos. Percorreu inumeráveis quilómetros na savana com o seu todo-o-terreno, de cor branca, mas vermelho pelo impalpável, mas penetrante pó que no Uganda cobre e se infiltra em todas as coisas. A viagem começa sempre com um sinal da cruz e uma Ave Maria, e a bordo nunca deve faltar uma pá, corda e tábuas para sair do pântano das estradas alagadas, ou estopa e sabão para tapar um buraco imprevisto no depósito. O velho *Toyota* de Elio foi de vez em quando pronto-socorro (como quando, avisado por uma Radio, local foi retirar um recém-nascido deitado num poço), ambulância para transportar feridos ou doentes (tanto durante a paz como durante a guerra ou o Ébola). Carro funerário para evitar às famílias a enorme despesa de transladar o seu ente querido do hospital para a aldeia para ser enterrado perto da cabana em protecção dos vivos, mas

também alegre transporte para as crianças do St. Jude, táxi ocasional que apanha pelo caminho mulheres carregadas com os bidões de água, ou idosas com pés cansados e empoeirados que transportam os seus pesados fardos em cima da cabeça.

Atraído, impulsionado e sustentado por uma fé na Divina Providência tenaz, sólida, inquebrantável alimento de uma vida totalmente gasta, Elio, como um alpinista trentino, sobe, lance após lance, prego após prego, a sua aventura africana, entre as mil dificuldades e as mil tragédias, os mil heroísmos destes anos tumultuosos, terríveis e emocionantes. Um olhar para cima, no cume, outro ao redor, para os companheiros de escalada, e a subida continua.

Elio chegou a Lacor em 1985, insistentemente solicitado pelo meu papá que precisava do seu talento como construtor e mantenedor para a ampliação das edificações do “seu” hospital que deveria atender às grandes necessidades da população.

Entre Elio, o papá e a mamã deu-se de imediato um grande entendimento; tão semelhante era a sua dedicação à população! Cada um precisava do outro e sabia que podia confiar. Juntos partilharam o entusiasmo e os novos desafios, para citar apenas alguns: o novo bloco de cirurgia, financiado pela Cooperação Italiana, o grande dispensário, financiado pela Conferência Episcopal Italiana com os fundos do 8x1000, a nova pediatria, pelo Governo dos EUA, os grandes complexos para o tratamento das águas e para a energia, os 16 km de cabos e tubos subterrâneos realizados graças aos fornecimentos da Província de Bolzano e das organizações católicas austríacas. O papá encontrava os fundos, Elio projectava, construía e conservava, a mamã operava. Juntos enfrentaram as incursões dos guerrilheiros no Hospital, inclusive dispararam para o ar (também a mamã, que tinha sido militar durante alguns anos no Canadá) para desorientar os guerrilheiros que procuravam irromper na casa das religiosas ugandesas. Juntos enfrentaram os massacres que estes perpetravam nas aldeias limítrofes. Elio partia com a sua ambulância e recuperava os feridos, se existiam, para os levar para Lacor, onde a mamã e o papá, juntamente com os outros médicos ugandeses, os haveriam de acudir. Frequentemente, porém, não podia fazer mais nada senão sepultar cristãmente os mortos, por vezes horrendamente mutilados.

O seu reino são os estaleiros da construção e as oficinas para a laboração da madeira, para as construções mecânicas, para a manutenção dos equipamentos médicos. Nestes anos em que não se encontrava nada devido à guerra, tudo tinha de ser fabricado autonomamente, e Elio sabia fazê-lo. Sabia fazer e ensinava a fazer, mas exigia o trabalho bem feito.

E assim ajudou o desenvolvimento e o crescimento local. Muitos formaram-se na sua escola, aprenderam uma profissão e a mentalidade de trabalhar com perfeição. A necessidade deve estimular a procura de soluções, não condescender a um trabalho inadequado. Muitas pequenas actividades se criaram sob este estímulo. Os operários ao seu cuidado trabalham, trabalham bem, aprendem, emancipam-se, sabem que se precisarem podem contar com o Elio. Muitos estudaram com a sua ajuda económica. Depois, nos anos 90, fez outra das suas: depois de ter ajudado Bernardete, uma viúva acholi que tinha recolhido consigo muitos órfãos da guerra e da Sida, à sua morte aceitou simplesmente a sua exigente herança. A Providência fez-lha encontrar à porta e ele não recuou nem sequer desta vez. Elio nunca recua. E a Providência não perde ocasião de capitalizar o ponto fraco deste trentino doado ao Uganda. Assim cresceram o orfanato St. Jude, a Consolation Home para as crianças com deficiência mental e física, a quinta. Ninguém que tenha passado, ainda que ocasionalmente, por Lacor nestes últimos trinta anos, saiu ileso do encontro com Elio. O modo de actuar simples e concreto, por vezes docemente rude, sem calculismos, isento de qualquer floreado inútil, a bagagem de vivida dedicação africana que exala deste homem de sandálias empoeiradas, interpela e recruta (muitas vezes para a vida) quem quer que se aproxime dele. A indiferença é impossível; inevitável o confrontar-se com as suas escolhas e o sentir-se aliados a ele, inclusive nas divergências.

Com a mesma ductilidade versátil interrompe a supervisão de um estaleiro para se deslocar ao bloco operatório onde os cirurgiões ugandeses herdeiros de Lucille se deparam com um ancinho cravado no pescoço de um paciente e precisam do seu “flexível” para cortar os dentes e, em seguida, extraí-los cirurgicamente. E Elio chega, faz o seu trabalho com perícia, não sem ter tirado uma foto que vai enriquecer o seu álbum. E deixa depois espaço aos médicos. Tudo acontece assim, com naturalidade e simplicidade, não sem colher os aspectos humorísticos, mas envolvendo-se sempre em primeira pessoa e participando sinceramente e intensamente nos sofrimentos de quem recorre ao hospital. Deixada a sala operatória, volta aos seus estaleiros, porque Elio é sobretudo um construtor. Um construtor de edifícios, certo! Mas também um construtor de caridade, um construtor de justiça. Em suma, um construtor de paz».

P. John Martin Troy (27.02.1937 – 20.11.2020)

O P. John, era filho de pai galês e mãe inglesa, ambos com raízes irlandesas. A família era composta por cinco irmãs e dois irmãos.

Na juventude, com 12 anos de idade, o P. Troy deixou a sua cidade natal de Birmingham, em Midlands, e foi para o norte, no Yorkshire, para entrar no seminário menor do Colégio S. Pedro Claver, em Stillington.

Mostrou-se um aluno curioso e brilhante, características que o acompanharam toda a vida. Como a maior parte dos membros de raiz da London Province, estava destinado a ser um «homem para todas as estações», isto é, a desempenhar vários ministérios.

Continuou os seus estudos e a formação religiosa em Sunningdale e depois em Roma para completar os estudos teológicos no Colégio de Propaganda Fide.

Foi ordenado a 7 de Abril de 1962 na Basílica Lateranense de Roma, com outros dois missionários combonianos. Presentes para a maravilhosa ocasião, vindos de Inglaterra, encontravam-se os seus pais e membros da sua família. Naquele dia, 39 novos sacerdotes foram ordenados em vários lugares de Itália, enquanto quatro tinham sido ordenados nos Estados Unidos a 17 de Março, num total, naquele ano, de quarenta e duas ordenações.

Depois da ordenação, o P. John foi destinado à London Province, onde assumiu a gestão do Departamento Missionário e se ocupou da *Verona Fathers' Mission Magazine* durante vários anos, enquanto residia em Dawson Place.

Em 1966 partiu para o Uganda, iniciando o primeiro de três períodos de permanência naquele país. Estava empenhado como pároco e como editor da revista *Leadership* e levava por diante estas tarefas com grande alegria. Amava a África e os seus povos e referia-se sempre a estes anos como os anos mais felizes da sua vida. Entre um período e o outro no Uganda trabalhou em Mirfield, como director das vocações, e, em 1981, depois de um período na paróquia de Rickmansworth, foi nomeado superior provincial da London Province. Durante o seu período como provincial, foi responsável pela abertura de uma presença dos Missionários Combonianos na Irlanda, em 1985. Precedentes tentativas tinham fracassado por causa da relutância da hierarquia irlandesa em permitir a abertura de uma outra casa na Irlanda por parte da Ordem Missionária. Muitos estudantes aprenderam o inglês na «Divine Word School of English» de Maynooth, na periferia de Dublin. Um outro momento histórico durante o seu período como provincial foi o encerramento do seminário menor de Mirfield em 1984, que punha fim a uma presença ali de vinte e cinco anos.

O P. John foi chamado a Roma para o Departamento da Secretaria-Geral e esteve muito envolvido nos trabalhos de tradução. Organizou a edição inglesa dos “Escritos” de São Daniel Comboni, publicados em 2005. Era

dotado de uma prodigiosa capacidade de falar línguas e provavelmente por causa das suas raízes culturais tinha aprendido as bases do galês e do gaélico irlandês. O seu domínio do italiano era excelente e o seu conhecimento de Logbara, Alur e Kiswahili colocava-o em boa posição para o seu trabalho entre os povos do Nilo ocidental no noroeste do Uganda.

Depois de Roma, o P. John voltou para a London Province e aí passou diversos períodos, como assistente no Departamento Missionário de Leeds e como sacerdote responsável na igreja do Sagrado Coração em Sunningdale, onde é afectuosamente recordado pelo seu serviço amável e as suas liturgias celebradas com grande devoção.

O P. John era de constituição forte e gostava de desporto, em particular de cricket e de Fórmula 1: aspectos que o ajudaram a ser sempre bem aceite na comunidade. A celebração do seu Jubileu de Ouro Sacerdotal, em 2012 em Sunningdale, foi uma ocasião jubilosa em que, juntamente com as irmãs, o irmão, os confrades e os amigos, pôde exprimir gratidão a Deus por uma graça tão extraordinária.

Infelizmente, devido ao aparecimento da doença de Alzheimer, em 2018 foi transferido para Castel d’Azzano onde foi atingido pela Covid-19 e faleceu serenamente na manhã de 20 de Novembro de 2020.

A missa fúnebre foi presidida pelo P. Teresino Serra, superior da Casa Mãe de Verona, com o P. Fabio Baldan, provincial de Itália, e muitos outros confrades concelebrantes. Na sua homilia, o P. Teresino falou com emoção do P. John como de «um verdadeiro senhor, uma pessoa alegre e um fiel missionário... grande e santo servidor da Missão da África e da Congregação».

A Missa fúnebre realizou-se em directo na internet da Capela dedicada a São Daniel Comboni na Casa Mãe de modo a que as suas irmãs e irmão sobrevividos, outros membros da sua família, os confrades da London Province e os amigos de todo o mundo pudessem participar, ainda que a distância. Que repouse em paz. (*P. Downey John McGuire, mcccj*)

P. Carlo Plotegheri (05.05.1936 – 24.11.2020)

Primeiro de oito filhos, três rapazes e cinco raparigas, Carlo nasceu a 5 de Maio de 1936, de pais trentinos, em Port Said, Egipto, diocese de Alexandria, dado que o pai era professor na escola italiana daquela cidade.

Dois anos depois, os Plotegheri mudaram-se para a Bulgária, para ensinar na escola italiana de Sófia, e ali Carlo frequentou o primeiro ano do ensino obrigatório. Em 1943 foram repatriados e Carlo continuou o ensino em Mezzomonte de Folgaria, até que, acabada a guerra e estabelecidos em Trento, terminou o quinto ano.

Entrou na Escola apostólica de Trento a 5 de Outubro de 1948. Em 1950 passou para Brescia, em Maio de 1954 partiu para a Inglaterra como estudante e em Sunningdale emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1955. Voltou para Itália em Julho de 1958 e no ano seguinte passou para a Escola apostólica de Pesaro onde foi prefeito de II, III e IV anos de Teologia. Emitiu os votos perpétuos em Venegono a 9 de Setembro de 1961 e foi ordenado sacerdote em Trento a 7 de Julho de 1962.

No mês de Setembro partiu para a Inglaterra como professor na Escola apostólica de Mirfield e aluno universitário. Em 1968, sempre como aluno, passou para Elm Park. Em Londres obteve o bacharelato em Matemática. Em Agosto de 1968 partiu para Cartum destinado ao Comboni College como professor. A propósito da sua experiência daqueles anos, o P. Carlo, quando estava na comunidade de Castel d’Azzano, contou diversos episódios. Reportamos um (*Raccontiamoci* 2019, n. 23) que resume um pouco todos os outros.

«Pude experimentar a universalidade da mensagem do Evangelho quando estava em missão em Cartum, no Sudão; onde a maior parte das pessoas é muçulmana.

Nos meus primeiros nove anos de ensino como professor de Matemática e Física, cada quarta-feira à noite ia à periferia, a cerca de 20 km do Comboni College e, ligando o projector à bateria do carro e a um modesto ecrã, explicava, através de filmagens, Antigo e Novo Testamento. Comigo vinha uma religiosa que distribuía medicamentos a muitas mães com crianças doentes. Quando comecei ficava muito surpreendido com a afluência das pessoas muçulmanas; por isso, por receio de desencadear a ira da segurança, falei com o Sultão (também ele muçulmano). Ele assegurou-me: “Também eu estou presente em todas as tuas projecções e tu não dizes nada de errado. Se alguém te importunar, manda-o vir ter comigo!” À sexta-feira à noite realizava um encontro orientado por uma religiosa comboniana com uma vintena de raparigas cristãs do ensino secundário sobre vários temas. A religiosa pedia-me muitas vezes para ajudar a responder às suas perguntas sobre temáticas de tipo espiritual.

Além de ajudar na minha paróquia de periferia ao domingo, estas actividades alimentavam a minha vontade de encontro com as pessoas mais heterogéneas, mesmo se nem todos estavam entusiasmados com isso.

Numa escola de Omdurman, na sequência do pedido de uma trintena de rapazes, o reitor tinha permitido que depois das aulas, durante a tarde, organizássemos a Legio Mariae. Infelizmente, isto não era bem visto pelo vice-reitor, que era muçulmano, e dissuadiu-me de continuar os encontros no interior da escola. Felizmente que os estudantes tinham com-

preendido a importância destes nossos encontros e fizeram de modo que o vice-reitor não nos incomodasse mais e os encontros continuaram sem problemas.

Uma vez por mês tínhamos o encontro dos nossos estudantes do ensino secundário juntamente com as raparigas do ensino secundário das Irmãs e de uma outra escola de raparigas, sobre temáticas como a paz e o respeito recíproco. Obviamente, não se falava explicitamente de religião católica. Mas quando a segurança veio a saber, proibiu estes encontros. Recordo perfeitamente que os mais contrariados por esta decisão foram os alunos e as raparigas muçulmanas porque não os consideravam ensinamentos religiosos mas valores humanos universais. Como diz o Papa Francisco, aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de cuidar as feridas e aquecer o coração dos fiéis; a vizinhança e a proximidade».

Em Outubro de 1977, o P. Carlo passou para a paróquia de St. Peter and Paul, como pároco e superior. Em 1979 fez um mês de férias entre os Scilluk. Em Janeiro de 1985 foi nomeado Vigário Geral da Arquidiocese de Cartum, com sede na catedral, embora continuando a ajudar em St. Peter and Paul.

O P. Carlo, tirando um ano em Roma, outro em Bolonha como secretário provincial e quatro em Trento como superior da reitoria, passou toda a sua vida de missão no Sudão, principalmente em Port Sudan e Cartum.

Regressou definitivamente a Itália para tratamentos em 2017, na comunidade de Castel d’Azzano. Faleceu no hospital de Vilafranca (Verona) por causa da covid-19 no dia 24 de Novembro de 2020.

Rezemos pelos nossos defuntos

- * **O PAI:** Józef do P. Szpara Adam Witold (PL), Domingos José, do P. Raimundo Rocha dos Santos (BR).
- * **A MÃE:** Maria Rosalia, do P. Manuel Ceola (T); Aurora, do Esc. José Manuel Hernández Cruz (M).
- * **O IRMÃO:** Henry Kinanga, do P. Isaiah Nyakundi (ET).
- * **A IRMÃ:** Isabella, do Ir. Giuseppe Lagattolla (I); Juliette do Ir. Tsoklo Zissou Simon (I); Lina do Ir. Virginio Manzana (I).
- * **AS IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS:** Ir. Alessandra Fulceri, Ir. Maria Daniela Fulvi.

Nome do ficheiro: 12_FamDez_2020
Directório: C:\Documents and Settings\Além-Mar\Os meus documentos
Modelo: C:\Documents and Settings\Além-Mar\Application
Data\Microsoft\Modelos\Normal.dotm
Título: DIRECÇÃO GERAL
Assunto:
Autor: Luís de Albuquerque
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 11-12-2020 9:56:00
Número da alteração: 20
Guardado pela última vez em: 14-12-2020 10:10:00
Guardado pela última vez por: jp sá couto sa
Tempo total de edição: 104 Minutos
Última impressão: 14-12-2020 10:11:00
Como a última impressão completa
Número de páginas: 20
Número de palavras: 7.294 (aprox.)
Número de caracteres:39.389 (aprox.)